

CONCEITOS/DENOMINAÇÕES NAS LÍNGUAS DE ESPECIALIDADES E NA LÍNGUA GERAL

Maria Margarida de ANDRADE
(Universidade Mackenzie, Brasil)

RÉSUMÉ: *Ce travail se propose d'examiner le procédé utilisé pour la dénomination des termes des langages de spécialité, parmi d'autres aspects de la terminologie. En considérant les travaux du congrès international, Encontro da Federação Internacional de Associações de Anatomistas, réalisé à São Paulo, en août 1997, l'Auteur étudie l'emploi de l'onomasiologie, pour l'élaboration et ou détermination des concepts/dénominations, relatifs aux termes des langages de spécialité, ainsi que les éléments contribuant à leur vulgarisation. On y souligne le processus de migration du terme au vocabulaire du langage commun. Des exemples concernant quelques termes spécifiques de certains langages de spécialité sont présentés, de manière à mettre en évidence les éléments agissant sur le processus de banalisation terminologique. En guise de conclusion, on souligne le besoin de distinguer l'usage spécialisé d'un terme et l'usage courant du vocable correspondant, dans la communication banale.*

Palavras-chave: Terminologie - Lexicologie - terme - dénomination - concept.

RESUMO: *Este trabalho aborda o processo utilizado na denominação dos termos das linguagens de especialidades e aspectos da terminologia. A partir de um fato concreto, o Encontro da Federação Internacional de Associações de Anatomistas, realizado em São Paulo - Brasil, na última semana de agosto de 1997, a autora enfoca o emprego da onomasiologia para a conceituação/denominação dos termos das linguagens de especialidades e os fatores que contribuem para a sua vulgarização, destacando o processo de migração do termo para o vocabulário da*

linguagem geral. Exemplifica com termos específicos de algumas linguagens especializadas, evidenciando os fatores que concorrem para o desenvolvimento do processo de banalização terminológica. Na conclusão, enfatiza a necessidade de distinção entre o uso específico de um termo, que ocorre no âmbito das linguagens especializadas e o uso geral, o dos vocábulos da linguagem comum.

Palavras-chave: Terminologia - Lexicologia - termo - denominação - conceito

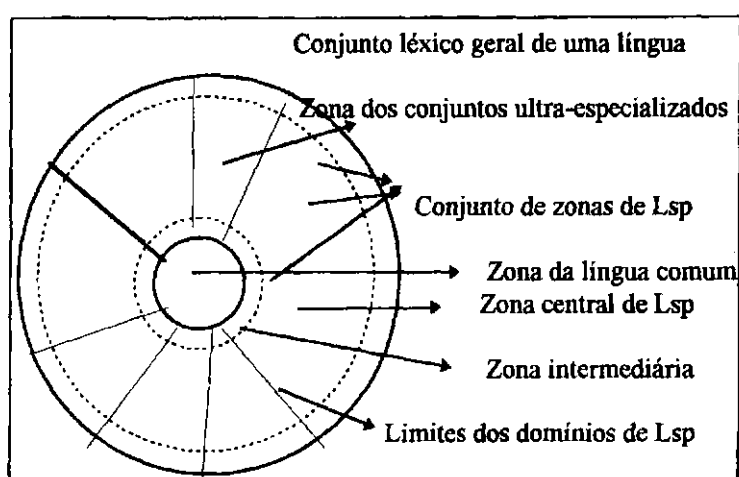
Neste trabalho, pretende-se tecer algumas considerações a respeito do processo de denominação e normalização dos termos técnicos-científicos bem como analisar os fatores que promovem a banalização desses termos, apontando o percurso migratório da terminologia técnico-científica para a vulgarização, no vocabulário da linguagem geral.

A linguagem geral compreende o conjunto de todas as variedades de linguagem, tanto as chamadas *não marcadas*, que representam as linguagens comuns quanto as linguagens de especialidades ou variedades *marcadas*. Como partes integrantes de um todo, linguagens comuns e linguagens de especialidades mantêm pontos de coincidência entre si, apresentando, ao mesmo tempo algumas características que as diferenciam.

Rondeau (1984) explica que o conjunto de palavras e expressões que não se referem, no contexto em que são empregados, a uma atividade especializada, pertencem à língua comum; as linguagens de especialidades, ao contrário, são caracterizadas pelas relações de seus termos com uma área ou atividade específica. Os limites entre a língua comum e as línguas de especialidades são tênues e nada impede que uma forma lingüística faça parte de ambas.

Para ilustrar o conjunto léxico geral de uma língua Rondeau (1984:25) utiliza o seguinte esquema: um primeiro círculo representa a *língua comum*; o conjunto das zonas de linguagens especializadas se reparte em três círculos

concêntricos, começando na *zona intermediária*, a mais próxima da língua comum até a *zona dos conjuntos ultra-especializados*, a mais periférica. A representação em faixas mais estreitas para essas duas últimas zonas evidencia que, em geral, o número de termos é menos elevado nessas zonas que na zona central das linguagens especializadas.



Na zona intermediária encontram-se termos como *estrutura*, *átomo*, *medida*, *gradação*, que não são considerados como pertencentes a um domínio particular, e as noções que eles representam muitas vezes se aproximam do sentido que essas formas lingüísticas apresentam na língua comum.

Há palavras que fazem parte do vocabulário da linguagem comum, tais como: *acidente*, *caráter*, *função*, *solução* etc., que ao ingressarem no vocabulário técnico-científico perdem seu caráter polissêmico, isto é, seus significados são reduzidos a um único, naquele contexto. Desse modo, *acidente* passará a ter o significado único de "manifestação contrastante do terreno em comparação com as áreas circunvizinhas", no vocabulário da geografia. *Caráter*, no vocabulário da biologia significa "aspecto morfológico ou

fisiológico usado para distinguir de outro(s) um ser ou um grupo de seres.” O vocábulo *função* apresenta no léxico geral 14 conjuntos de significados, porém, na terminologia da matemática significa “qualquer correspondência entre dois ou mais conjuntos”; na química, “grupamento de átomos que atribui a uma classe de substâncias, em cujas moléculas está presente, um comportamento químico determinado e mais ou menos uniforme”; já na arquitetura, passa a apresentar o seguinte significado: “adaptação objetiva da organização do espaço arquitetônico, do mobiliário, etc., visando a uma solução estética e prática das atividades e necessidades humanas” e, em outros vocabulários especializados, apresenta significados específicos e exclusivos deles. Por sua vez, *solução* apresenta no léxico geral dez conjuntos de significados, enquanto no vocabulário da matemática significa unicamente “resultado de um problema ou uma equação”; na física/química tem a acepção de “sistema homogêneo com mais de um componente”.

Convém ressaltar que a presença de um termo em dois ou mais vocabulários técnico-científicos/especializados não constitui caso de polissemia, que corresponde às múltiplas significações do mesmo vocábulo, pois observa-se que a especificação do significado determina a redução dos semas pertinentes, em outras palavras, o vocábulo oriundo do léxico geral da língua, ao ingressar em um vocabulário especializado, passa a apresentar uma única significação.

O que se pode notar é a existência de uma zona de intersecção entre os universos distintos da linguagem geral e das linguagens especializadas. De um ponto de vista mais abrangente, pode-se afirmar que lexicologia e terminologia são disciplinas que se interrelacionam e se complementam, porém apresentam critérios e procedimentos operacionais específicos, em consonância com suas finalidades distintas. Vale aqui invocar o testemunho de Barbosa (1991):

“Verifica-se, pois, que, não obstante a intersecção existente entre as ciências da palavra, cada uma tem as suas especificidades,

quanto ao objeto, quanto ao tratamento dado à unidade lexical, quanto ao próprio percurso de investigação.”

Para demonstrar a intersecção existente entre as formas lingüísticas da linguagem comum e das linguagens especializadas, Phal (1969:74) estabeleceu uma lista de 117 substantivos mais freqüentemente empregados em três textos orais transcritos de entrevistas, de igual extensão: um de Direito privado, um de Física e uma entrevista em fábrica. Foi constatado que dos 117 substantivos, 80 estavam presentes, com uma freqüência comparável, em dois desses textos e 56, correspondendo a 48%, nos três textos. Essa distribuição revelou-se bastante significativa.

O que distingue o vocabulário geral dos vocabulários científicos e técnicos, portanto, é a grande especialização e uma área mais restrita de emprego, neste caso. A linguagem referencial, aliada ao emprego de termos bem definidos garantem uma comunicação efetiva, sem ambigüidades, entre especialistas da mesma área de atuação. A esse respeito diz Barbosa (1991:185):

“Qualquer disciplina e, com maior razão, qualquer ciência tem necessidade de um conjunto de termos rigorosamente definidos pelos quais designa as noções que lhe são úteis.”

A referência a *termos* vem a propósito, para que se saliente que, enquanto o vocabulário geral constitui-se de lexemas, o das linguagens especializadas tem como unidade padrão o termo. Assim sendo, termo pode ser tomado como um lexema especializado, e, segundo (Cabré, 1984:169) “os termos são a unidade base da terminologia, designam os conceitos próprios de cada disciplina especializada.”

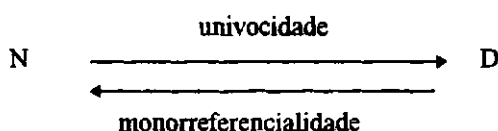
É na designação que reside uma das diferenças fundamentais entre vocabulários da linguagem comum e das linguagens especializadas. Enquanto a lexicologia, que se ocupa das linguagens comuns, propõe-se a definir um vocábulo pela análise de seus semas, a terminologia, que se refere às linguagens

de especialidades, empreende o percurso inverso: a partir do conceito é que se chega à denominação.

A denominação, portanto, é a forma lingüística externa do termo e mantém com o conceito uma relação monorreferencial, quer dizer, para um dado termo existe um conceito que corresponde a uma denominação, enquanto uma denominação refere-se a um só conceito. Rondeau (1984:22) assim se refere à biunivocidade e monorreferencialidade do termo:

“Em suma, a relação entre conceito e denominação é reflexiva ou biunívoca, para um dado termo, o que se pode ilustrar da seguinte maneira:

Reflexividade da relação denominação/conceito



“A noção de conceito em terminologia é análoga à da filosofia e pode ser descrita de modo geral como uma representação abstrata composta de conjuntos de traços comuns essenciais a um grupo de entidades (objetos ou idéias) e obtidos pela subtração das características individuais dessas entidades.” (1)

Isto não significa que um mesmo termo não pode ser reutilizado, mas que cada emprego de uma forma lingüística externa, associada a um conceito diferente, dá origem a um novo termo, conforme foi demonstrado.

O processo de denominação é um dos pontos mais importantes da terminologia, o que justifica transcrever a opinião de autoridades no assunto. Dizem Auger, Rousseau (1987:28):

“Em terminologia, a definição há de descrever o conteúdo nocional das unidades da maneira mais apropriada. Há de ser precisa, clara, sucinta, porém, ao mesmo tempo, há de colocar em destaque os traços significativos próprios do termo.” (2)

Rondeau (1984:24) acrescenta:

“A terminologia estuda os meios de nomear, com a ajuda de palavras e expressões, as noções em uso nas atividades especializadas do homem.”(3)

O TERMCAT (1990:45) assim conceitua a definição terminológica:

“A definição terminológica tem por objeto definir com precisão uma noção pertinente a uma área ou subárea de especialidade e se fundamenta na pesquisa e determinação dos traços semânticos pertinentes.”(4)

Os pressupostos teóricos implícitos nessas definições devem ser tomados como referência para a elaboração de todos os vocabulários técnico-científicos, como ocorreu em recente evento, na área específica da Anatomia. Na última semana de agosto de 1997, realizou-se em São Paulo o Encontro da *Federação Internacional de Associações de Anatomistas*, do qual fizeram parte 21 cientistas representantes de 18 países de todos os continentes.

O objetivo do encontro foi rever cerca de mil nomes das partes do corpo humano e oficializar outros cinco mil, que já existiam e eram usados, de maneira não oficial ou não obrigatória, pelo menos desde 1955. Havia cerca de dez mil nomes, reduzidos para seis mil. Foram elaboradas duas listas, em inglês e em latim; podendo cada país traduzir para a sua língua os nomes adotados, porém, nas comunicações científicas, esses nomes só poderão constar em inglês ou em latim.

O fato, considerado consequência da *globalização* da anatomia, admite a análise centrada em dois pontos: primeiro, a

necessidade de normalização da terminologia das linguagens de especialidades; segundo, a adoção normalizada de termos científicos ou técnicos não impede o processo de banalização desses termos, ou seja, de 'transcodificação' para a linguagem geral ou comum.

O critério utilizado pelos anatomistas para a normalização da terminologia foi o de encontrar novos nomes que descrevessem o máximo possível a anatomia e as funções das partes do corpo humano. Além do valor informativo ou descritivo, os novos nomes deveriam privilegiar a semelhança com figuras geométricas e evitar o emprego de nomes de cientistas. Neste caso, o mesmo termo poderia ser designado por diferentes nomes, pois cada país procura homenagear seus cientistas. Foi o que ocorreu com a *papila ileal* - dispositivo muscular da última porção do intestino delgado - chamada *válvula de Varolio*, na Itália, *de Rondelet*, na França, *de Baubin*, na Suíça e *de Tulp*, na Holanda. A partir deste exemplo, torna-se evidente a necessidade de normalização da terminologia.

A *Federação Internacional de Associações de Anatomistas* procurou normalizar a terminologia no âmbito da Anatomia buscando denominações que correspondessem, o máximo possível, à forma e às funções das partes do corpo humano. Isto significa que foi adotado o critério onomasiológico, inerente à denominação do *termo*.

Oportuno é fazer aqui uma sucinta referência aos procedimentos do processo onomasiológico, inerente à designação do *termo*, em oposição ao semasiológico, empregado na definição lexicográfica. A lexicologia tem por meta definir um vocábulo, caracterizando-o funcional e semanticamente, ou seja, tem por função *decodificar*, ao passo que a terminologia desempenha função inversa, a de *codificar*, pois seu objetivo é nomear um fato, uma noção ou um conceito.

A lexicologia, portanto, a partir do nome procurará analisar e descrever todos os semas pertinentes, para elaborar uma paráfrase definitória que esclareça todos os significados

possíveis do vocábulo, de forma a mais adequada e completa. Por outro lado, a terminologia trata da denominação de noções ou conceitos, sob os mais variados aspectos e em diferentes planos. No plano teórico, os lingüistas e terminólogos preocupam-se com a denominação das noções, enquanto parte do léxico especializado, segundo critérios temáticos e pragmáticos e com a produção da obra terminológica e todas as suas implicações. No aspecto prático, os especialistas empregam as linguagens especializadas como meio de expressão e comunicação profissional. O uso da terminologia adequada torna possível a compreensão de um texto especializado, principalmente o técnico-científico, mesmo por quem não domine completamente o idioma empregado.

Conclui-se, com Cabré (1990:84):

“Com efeito, no que respeita à concepção da linguagem, a lexicologia se baseia nas palavras e não concebe o significado sem que esteja vinculado à palavra; a terminologia, ao contrário, considera que o conceito - seu núcleo de atenção - existe previamente e pode ser concebido independentemente da denominação ou termo que o designa.” (5)

Segundo a *Nomina Anatomica de São Paulo*, nome pelo qual será conhecida a nova terminologia proposta para as partes do corpo humano, caso prevaleça a tradição, foram alterados, entre outros, os seguintes nomes:

maxilar inferior passa a ser designado por *mandíbula*, que significa o que morde;

omoplata passará a ser chamado de *escápula*, porque o osso tem a forma de enxada;

rótula será chamada de *patela*, porque rótula (rodinha) tem um furo no centro. O novo nome é mais adequado à forma de disco chato que o osso apresenta;

perônio será substituído por *fibula*, nome do alfinete que prendia as pontas de uma toga romana e que se assemelha ao osso, que tem como par a tíbia;

cotovelo passará a se chamar *cúbito*, que em latim quer dizer articulação;

cúbito tem o novo nome de *ulna*, que significa antebraço; *trompas de Eustáquio* (nos ouvidos) e *trompas de Falópio* (útero) perderão os nomes próprios e passarão a se chamar “*tubas*” por corresponder melhor com o seu formato, uma vez que trompa é enovelada. Portanto, de agora em diante: *tubas auditivas* e *tubas uterinas*. O mesmo ocorreu com o *tendão de Aquiles*, que embora tenha o nome de uma figura mitológica, passará a se chamar *tendão calcâneo*.

Evidentemente, as designações que correspondem à terminologia específica da Anatomia farão parte do vocabulário dos professores, cientistas e especialistas da disciplina, enquanto os leigos usarão as denominações equivalentes, quer dizer, empregarão as formas banalizadas ou vulgarizadas.

A banalização é o processo pelo qual um termo técnico-científico-especializado passa a ser denominado pelo seu equivalente na linguagem comum ou na popular. Barbosa (1993) confirma:

“A busca de vocábulos equivalentes, no discurso coloquial, aos termos técnico-científicos caracteriza um processo de banalização.”

São vários os processos pelos quais a banalização de um termo se efetua; o mais freqüente é o emprego de uma variante diastrática do termo técnico-científico, por exemplo, *dor de cabeça*, em vez de *cefaléia*; *raiva* por *hidrofobia*. Outro processo empregado é a alteração fonético-morfológica ou etimologia popular. Casares (1992:284), referindo-se ao vocabulário da indústria têxtil, cita, entre outros exemplos: a máquina que em inglês se chamava *self-acting*, isto é, automática, passou a ser designada *selfatina*; *porcupina* designa certo aparelho eriçado de puas, que os ingleses chamavam de “porcoespinho”; a *sorteadora* encarrega-se de separar e classificar diversas qualidades de lã e sua designação

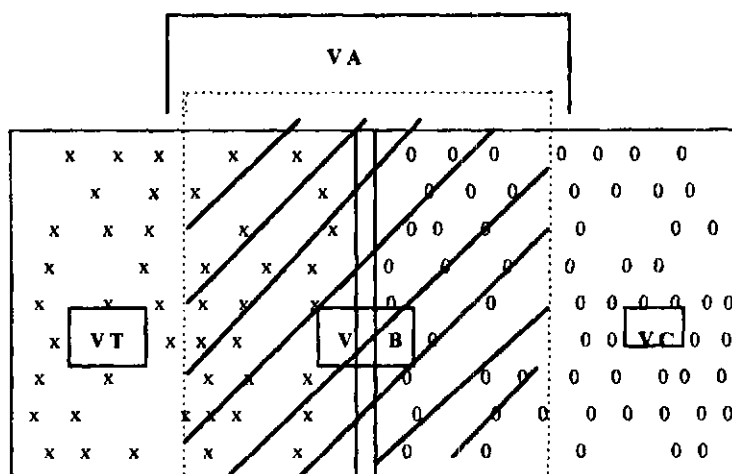
está mais relacionada com o francês “assortir” que com o castelhano “sortear”.

A distinção entre o termo técnico-científico e sua variante banalizada ou vulgarizada nem sempre se faz tão facilmente. Tome-se o caso de *câncer*, que faz parte tanto da linguagem científica quanto da comum, diferentemente de *carcinoma*, inegavelmente científico e *tumor maligno*, nitidamente popular. O mesmo ocorre com *prurido* (científico), *coceira*, (banalizado) e *comichão* (vulgarizado); *protuberância laringea* (científico), *pomo-de-adão* (banalizado) e *gogó* (vulgarizado); *face* (científico), *rosto* (banalizado) e *cara* (vulgarizado).

Muitas vezes, banalização e vulgarização aparecem como sinônimos. Isto se deve ao fato de *vulgarização* apresentar mais de um significado: na linguagem comum ou no léxico geral da língua, vulgarização refere-se à divulgação ou difusão de conhecimentos, ou seja, o processo pelo qual os cientistas e especialistas transmitem seus conhecimentos para o público não especialista de determinada área. Em outro sentido, da terminologia, vulgarização refere-se à transcodificação de um termo para o nível vulgar da linguagem. Fica implícita aqui a classificação sociolinguística dos níveis de linguagem: culto ou formal, comum ou coloquial, popular e vulgar. Subtende-se que o nível vulgar constitui uma subdivisão do popular, geralmente com características do linguajar chulo, grosseiro, no qual são empregadas, muitas vezes metáforas dos termos científicos.

Para Galisson (1978:376-377) o vocabulário banalizado recebe empréstimos do vocabulário técnico, da linguagem corrente e da gíria (*vocabulaire technique, courant e argotique*). Este autor distingue linguagem comum de linguagem corrente e atribui a *vulgarização* o sentido de difusão de conhecimentos técnico-científicos, diferentemente do ponto de vista adotado neste trabalho, que é o da vulgarização como transferência do termo do nível culto de linguagem para o vulgar. Ainda que com algumas discrepâncias na classificação

dos níveis de linguagem, o seguinte esquema de Galisson (1978:298) ilustra bem as relações entre vocabulário técnico, comum, banalizado e vulgarizado:



Restringindo a exemplificação ao domínio da Anatomia, pode-se enumerar alguns exemplos de banalização: *coluna vertebral*, na linguagem comum é *espinha* ou *espinha dorsal*; *panturrilha*, *barriga da perna*; *zigoma*, *maçã do rosto*, por causa da cor avermelhada, que nem é comum a todas as raças; as *articulações* são conhecidas como *juntas*; a *pupila*, *menina dos olhos* e as *mamas*, *seios*, denominação inadequada, pois *seio* significa cavidade, como no caso dos *seios paranasais*. Veja-se, também, a expressão “no *seio* da terra”, que dá idéia de profundidade.

Com essa exemplificação pretende-se confirmar que o processo de banalização acha-se relacionado com os níveis de linguagem. Assim sendo, tem-se, no nível culto, o termo técnico-científico-especializado; no nível coloquial, seu equivalente banalizado e no nível popular, a forma vulgarizada. A

diversidade de registros que se pode observar em vários termos é assim explicada por Matoré (1973:XXIX):

“Cada termo de uma língua possui diversos registros que, segundo o caso, se isolam ou se interpenetram e ocupam um lugar diferente no interior dos sistemas hierárquicos, autônomos ou complementares.” (6)

Observa-se que o processo de banalização tem o objetivo de facilitar a comunicação entre especialistas de determinada área e não especialistas, ou leigos. A propósito, Barbosa (1993) afirma:

“a banalização permite, dentre outros aspectos, a comunicação entre o leigo e o especialista, e funciona, também, para o iniciante, como instrumento de acesso a um novo Universo de Discurso.”

Do exposto, conclui-se que o léxico geral da língua abriga inúmeras variedades de linguagem, destacando-se a dicotomia *linguagem comum* e *linguagens especializadas*, objeto deste trabalho. A primeira diz que respeito ao uso geral de todos os falantes de determinada língua, enquanto as linguagens especializadas constituem normas ou um conjunto de subcódigos, parcialmente coincidentes com o subcódigo da linguagem comum, empregados em determinadas áreas específicas do conhecimento humano. A banalização atua como segunda linguagem, com referência à linguagem técnico-científica e como intermediária, entre os termos técnico-científicos/especializados dos cientistas e especialistas e os vocábulos da linguagem comum, utilizada pelo público geral, constituído de não especialistas.

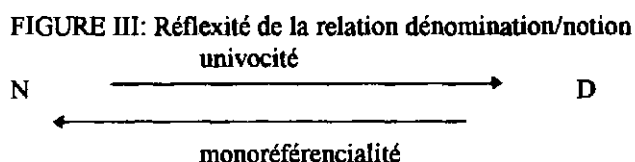
A grande variedade de tipos de linguagem corresponde às finalidades específicas de variadas situações de comunicação do falante. Não se pode, porém, confundir o uso geral com o específico dos termos, pois, como foi referido, as palavras mudam de significação caso estejam presentes no vocabulário

da língua geral ou no vocabulário de uma ciência ou atividade específica.

O falante ideal será aquele capaz de usar convenientemente o inventário léxico que detém para a comunicação comum, distinguindo o emprego deste do emprego dos termos especializados, reservado às comunicações específicas de uma área restrita.

Notas

(1) *En somme, la relation entre dénomination et notion est réflexive, ou biunivoque, pour un terme donné, ce qui peut s'illustrer de la façon suivante:*



La notion de notion en terminologie est analogue à celle du concept en philosophie, et peut se décrire de façon générale comme une représentation abstraite composée de l'ensemble des traits communs essentiels à un groupe d'entités (objects ou idées) et obtenue par soustraction des caractéristiques individuelles de ces entités. Rondeau, Introduction à la terminologie, p. 22.

(2) *En terminologia, la definició ha de descriure el contingut nocional de les unitats de la manera més apropiada. Ha de ser precisa, clara, succinta, però, alhora, ha de posar en relleu els trets significatius propis del terme. Auger, Rousseau, Metodologia de la recerca terminològica, p. 28*

(3) *La terminologie étudie les moyens de nommer, à l'aide de mots et d'expressions, les notions en usage dans les activités spécialisées de l'homme; (...) Rondeau, Introduction à la terminologie, p. 24.*

(4) *La definició en terminologia serveix per a delimitar amb precisió una noció dins una àrea o subàrea d'especialitat, i es fonamenta en la recerca i la determinació dels trets semàntics pertinents. TERMCAT, Metodologia del treball terminològic, p. 45.*

(5) *En efecto, en lo que respecta a la concepción del lenguaje, la lexicología se basa en las palabras y no concibe el significado si no está vinculado a la palabra; la terminología, por el contrario, considera que el concepto - su núcleo de atención - es previo y puede ser concebido independientemente de la denominación o término que lo designa.* Cabré, *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*, p. 84.

(6) *Chaque terme d'une langue appartient à plusieurs registres qui, suivant le cas, s'isolent ou s'interpénètrent et occupent une place différent a l'intérieur de systèmes hiérarchiques, autonomes ou complémentaires.* Matoré. *La méthode en lexicologie*, p. XXIX

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, M. M. O ensino do vocabulário técnico-científico no 3^o grau. *Anais do XLIII Seminário do GEL, UNAERP, 1995.* Taubaté - SP, 1996. p. 309-314.
- AUGER, P. , ROUSSEAU, L. *Metodologia de la recerca terminològica.* Trad. e adap. de M. Teresa Cabré i Castellví. Barcelona: Departament de Cultura de la Generalitat de Catalunya, 1978.
- BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: objeto, métodos, campos de atuação e de cooperação. *Anais do XXXIX Seminário do GEL. Franca, Unifran, 1991.* p. 182-189.
- _____. A banalização da terminologia técnico-científica: dialética e intertextos. *Anais do XXII Seminário do GEL. Ribeirão Preto, 1993, vol I, p. 56-63.*
- _____. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. In: *Publicações da comissão especial de terminologia ABNT/IBICT.* São Paulo, 1993.
- BIANCARELLI, A. Órgãos do corpo terão novos nomes. FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, domingo, 22 de junho de 1997.
- CABRÉ, M. T. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones.* Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.

- CASARES, J. *Introducción a la lexicografía moderna*. 3. ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones científicas, 1992. Cap. IV, p. 278-293.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GALISSON, R. *Recherches de lexicologie descriptive: la banalisation lexicale*. Paris, Nathan, 1978. Cap. 3 e Conclusão. p. 295 - 416.
- HOUAISS, A. *Pequeno dicionário enciclopédico Koogan-Larousse*. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil, 1987.
- MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie: domaine français*. Paris: Marcel Didier, 1953.
- PHAL, A. La recherche em lexicologie au C.R.E.D.I.F. La part du lexique commun dans le vocabulaires scientifiques et techniques. In: GUILBERT, L. *Langue Française : le lexique*. Paris: Larousse, n. 2, maio, 1969.
- PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 4. ed. rev. e aum. São Paulo: Nacional, 1982.
- RONDEAU, Guy. *Introduction à la terminologie*. 2^{ème} ed. Québec : Gaëtan Morin, 1984.
- TERMCAT. Centre de Terminologia. (1990) *Metodologia del treball terminològic*. Barcelona: Departament de Cultura de la Generalitat de Catalunya.